

Rosa da Fonseca

Patrona da Família Militar

*Artemio Bueno Rosa Junior**

Introdução

Apresenta-se, neste trabalho, D. Rosa da Fonseca, não só como a esposa de um grande homem e mãe de importantes ícones da história do Brasil, mas como uma mulher forte, determinada, apaixonada, patriota e possuidora de dons literários. Este estudo foi elaborado a partir da observação dos fatos que ilustraram sua vida, reunidos através de pesquisa bibliográfica que teve por base os autores José Maria Tenório Rocha (1998), Alberto Martins da Silva (2007 e 2013) e alguns endereços eletrônicos.

A leitura do texto de Rocha (2015) levamos a ver Rosa como uma mulher fora de sua época, livre, independente e de pensamento próprio. No entanto, àquela ocasião, a mulher ainda não era considerada com os mesmos direitos que o homem, embora alguns movimentos feministas já estivessem em andamento.

Assim, Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti encontrou o parceiro de uma vida em Manoel Mendes da Fonseca e passou a dedicar-se à família, sendo a matriarca mais famosa de Alagoas, quiçá do Brasil!

Após ser mãe amorosa de dez filhos, sendo duas mulheres e oito homens, vê sete

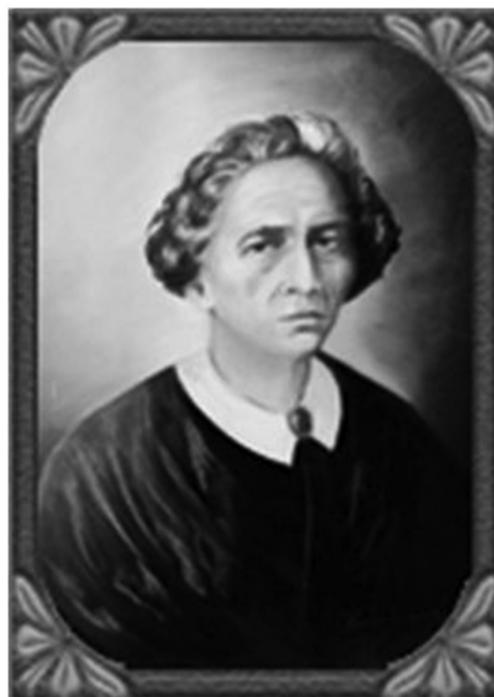


Figura 1 – D. Rosa da Fonseca

Fonte: www.historiadealagoas.com.br

de seus oito varões envolvidos com guerras, tendo perdido três deles para o inimigo.

Mesmo combatida com a dor inimaginável dessas perdas em combate, não se deixou abater no empenho de defender sua pátria e vê-la livre dos grilhões da subserviência, deitando-se, por vezes, na poesia. Durante

* S Ten R/1 Art (EsSA/82), historiador, técnico museólogo (UFBH/MMCMS/05), graduado em Letras (FAFIC/85) e pesquisador associado do CEPHiMEx.

diversas passagens da História, legou-nos um pouco de sua arte, através de sonetos muito bem alcançados.

Por fim, o conhecimento de um pouco dessa mulher, que se tornou o símbolo do patriotismo e da força da família, sendo-lhe concedido o título de Patrona da Família Militar Brasileira.

Origem

Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti

A maioria dos textos atribui a filiação de Rosa Paulina a Antônia Maria de Barros e José de Carvalho Pedrosa. Contudo, trata-se de equívoco genealógico, uma vez que há documentos comprovando que Rosa nasceu em 18 de setembro de 1802, na localidade Sítio Oiteiro, no povoado Riacho Velho, da antiga capital das Alagoas, atualmente Marechal Deodoro. José de Carvalho Pedrosa casou-se em 1813, declarando, na ocasião, menoridade. Os Assentos Paroquiais dessa época e neste caso, dizem que ela é filha de pai incógnito. Em seu documento de Justificação de seu casamento, datado de 16 de janeiro 1841, não declara quem foram seus pais. Tais dados foram extraídos dos Livros de Assentos de Nascimentos Casamentos e Óbitos da Paróquia da Nossa Senhora da Conceição da cidade de Marechal Deodoro, Alagoas.

Seria equívoco afirmar que seu pai fosse José Carvalho Pedrosa, pois que, na época do nascimento de D. Rosa, José era criança e residia em Portugal, em Vila Nova de Famalicão, Distrito de Braga.

Rosa seria filha de José Carvalho Monteiro.

Na seção de documentos do Instituto Histórico e Geográfico das Alagoas, consta o

testamento de Domingos Carvalho Monteiro, irmão de José Carvalho Monteiro.

Transcrição do registro de casamento de José Carvalho Pedrosa:

Aos dezoito de fevereiro de mil oitocentos e treze na capela de Santa Rita nova, em presença do padre Manoel Teixeira Pinheiro, de licença minha, sendo Testemunhas, José Francisco Salgueiro e Miguel Antônio Esteves, casados, ambos desta Freguesia, se receberam em Matrimônio na forma do Sagrado Concílio Tridentino, corridos os banhos sem impedimento, tendo o contraente justificado menoridade em que veio de sua natural Freguesia, o Contraente José Carvalho Pedrosa com a contraente Ângela Custódio do Nascimento; ele natural da Freguesia de São Julião do Calendário do Arcebispado de Braga, filho de Domingos Carvalho e Maria Narciza; ela natural desta freguesia, filha de Antônio Carvalho Monteiro e Joana Francisca. O mesmo padre lhes deu as bênçãos e eu fiz este assento.

(a) Davi Rodrigues de Sena – O Vigário Antônio Gomes Coelho

(www.historiadealagoas.com.br)

Casamento e filhos

Rosa casou-se aos nove de dezembro de 1824, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, com Manoel Mendes da Fonseca, na cidade de Alagoas, sendo testemunhas do enlace o Dr. Gustavo Mello de Aguiar e o comandante das Armas Joaquim Mariano de Oliveira Bello, chefe do major Mendes, que era seu secretário. A cerimônia foi oficiada pelo padre Antônio Gomes Coelho Mello, recebendo, a nubente, o nome de Rosa Maria Paulina da Fonseca.

Parte da família do noivo, os Galvão, de grande projeção social, não concordou com

seu matrimônio com Rosa, em razão de sua descendência escrava e indígena e também por seu comportamento considerado inconveniente para a época, como montar a cavalo em pelo, disparar pelas ruas da cidade e nadar nas lagoas da região. Por esse motivo, Manuel Mendes deixa de usar seu sobrenome Galvão.

Manoel Mendes da Fonseca era filho de Manoel Mendes da Fonseca Galvão e D. Maria Mendes, nascido em Anadia, aos 24 de julho de 1785. Seu pai era de Pernambuco e foi para as Alagoas, em virtude da amizade com os primeiros membros da família em Satuba e Santa Luzia do Norte, fazendo residência no Sítio Cruaranha, situado a uma légua de Anadia, onde foi negociante e estabeleceu escola de primeiras letras, mediante contrato com o capitão Baltazar Barbosa Lobo e Gaspar Barbosa Lobo, ligados àquelas famílias por laços matrimoniais.

Assentou praça no exército como voluntário em 25 de setembro de 1806, aos 21 anos de idade, no regimento de infantaria do Unha, no Recife.

No dia 28 de junho de 1822, Mendes, insatisfeito com a política de Portugal em relação ao Brasil, lançou, antes do Grito do Ipiranga, na Cidade de Alagoas, o Manifesto da Independência, defendendo-a e lutando por ela.

Serviu por quase 35 anos e chegou ao posto de tenente-coronel.

Atuou na Independência do Brasil e em diversos outros eventos políticos, militares e sociais do Império. Era primo dos marechais Rufino Enéias da Fonseca Galvão, visconde de Maracaju, último ministro da Guerra da Monarquia, e Antônio Enéias Fonseca Galvão, barão do Rio Apa, ministro do Supremo Tribunal Militar.

Na ocasião de seu casamento com Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti, era major, secretário do comandante das Armas da Província.

Rosa da Fonseca e Manoel Mendes da Fonseca casaram-se em setembro de 1824, dando início à formação de uma das mais importantes linhagens militares do país. A jovem altaneira era possuidora de espírito religioso aguçado, mulher de caráter arrojado, desafiadora das regras sociais da época e patriota, sempre apoiando o esposo em suas resoluções.

Dessa união, nasceram dez filhos: duas mulheres, Emília Rosa, nascida em 26 de fevereiro de 1837 e Amélia Rosa nascida em 20 de março de 1839, e oito homens, que ocuparam posições de destaque na carreira militar, na política e na administração pública brasileira:

- Hermes Ernesto, nascido em 11 de setembro de 1824
- Severiano Martins, nascido em 8 de novembro de 1825
- Manoel Deodoro, nascido 5 de agosto de 1827
- Pedro Paulino, nascido 6 de junho 1829
- Hipólito Mendes, nascido 13 de agosto 1831
- Eduardo Emiliano, nascido 2 de julho de 1833
- João Severiano, nascido 27 de maio de 1835
- Afonso Aurélio, nascido 11 de setembro de 1845

Rosa da Fonseca dedicou sua vida à família e à Pátria.

Guerras

Com o evento da Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo de Solano Lopes, a Pátria pediu seus filhos para combater no Paraguai. A família Fonseca não pôde se negar a dar sua contribuição ao Império. Sete dos filhos de dona Rosa Maria seguiram para a Guerra contra o presidente Solano Lopez. Ficando, em casa, apenas Pedro Paulino, tenente reformado do Exército, literato e estatístico, futuro governador de Alagoas e senador federal por esse Estado.

Em Curuzu, foi morto, em combate, o filho mais jovem, Afonso Aurélio, com 21 anos de idade. Era alferes do 34º Batalhão de Voluntários da Pátria, morto devido a ferimento sofrido quando escalava as muralhas da fortificação.

Na furiosa e violenta Batalha de Curupaity, em 22 de setembro de 1866, morre o capitão de Infantaria Hyppólito.

Em Itororó, seis de dezembro de 1868, o major de Infantaria Eduardo Emiliano é morto no combate.

Na mesma batalha, Hermes e Deodoro são gravemente feridos, sendo que Deodoro recebeu três tiros de fuzil.

Mulher muito apaixonada pela Pátria, consta que, durante as comemorações pela vitória em Itororó, no Rio de Janeiro, ao ser informada da morte de Eduardo e do ferimento de Hermes e Deodoro, teria dito: “Sei o que houve. Talvez até Deodoro esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã chorarei a morte deles” (Notícias, DECEX, 20 de setembro de 2016).

E de fato chorou por três dias, fechada em seu quarto.

Conta-se também que, ao receber o oficial que lhe apresentaria os pêsames, em nome do Imperador, respondeu que “a vitória que a Pátria alcançava, e que todos tinham ido defender, valia muito mais que a vida de seus filhos” (Rocha, 2015).

Na ocasião em que correu boato de que o Brasil terminaria a guerra através de acordo diplomático com o Governo Paraguai, teria dito, conforme relato do historiador Rosenildo Silva, responsável pelo Museu Casa de Marechal, no vídeo *A História de Rosa da Fonseca, patrono da família militar* (2016):

Prefiro não ver mais meus filhos e que fiquem todos sepultados no Paraguai, no campo de batalha com morte gloriosa, do que vê-los enlameados por uma paz vergonhosa à nossa Pátria!

Poesia

Há poucas fontes de informação acerca dos dotes literários de Rosa da Fonseca. Um dos livros que melhor retrata seu talento é o *Rosa da Fonseca e seus Filhos*, do general médico Alberto Martins da Silva, 1ª edição de 2013.

Crê-se que Rosa Maria era uma excelente poetisa. Por ocasião da morte dos seus três filhos, já citados, possivelmente teria escrito o primeiro soneto abaixo, que foi publicado na revista *Semana Ilustrada*, em edição de 28 de agosto de 1865:

Cala-te, amor de mãe! quando o inimigo
Pisa, da nossa terra o chão sagrado.
Amor da Pátria, vivido, elevado,
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior do que o perigo;
Pede-te a pátria, cidadão honrado;
Vai, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

És o sétimo, o último. Minh'alma,
Vai toda aí, convosco repartida,
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! Não te assuste o horror da maré lida;
Colhe no verde campo a melhor palma:
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

Não se sabe ao certo a autoria do soneto abaixo, escrito em homenagem aos filhos de D. Rosa da Fonseca. Foi, talvez, dedicado a quadros pintados de Eduardo Emiliano e Hyppolito Mendes, expostos na 20ª Exposição Geral de Belas Artes, em 1868, conse-

quentemente, antes de seu falecimento, o que não afasta a possibilidade de sua autoria:

Em tétrica saudade convertida
Que sublime matrona aqui se apresta,
Que vem buscar a dor por entre a fresta,
Que, de galas, a corte traz vestida?

Silêncio... Ei-la chamando compungida;
Hyppolito! Emiliano! Oh! Dor funesta!
Sem ver-vos, filhos meus, o que me resta
Senão chorar-vos sempre e em toda a vida?

Depressa, porém, corre... Alguém ouvira
Que os filhos encontrou, os filhos gratos,
Aos quais beija e repete o que sentia!

Mas súbito da dor resolve o tratos,
Semelhança perfeita a iludira,
Pobre mãe, só beija dois retratos!



Figura 2 – D. Rosa da Fonseca e seus sete filhos que lutaram na Guerra do Paraguai

Fonte: www.historiadealagoas.com.br

Legado

Dentre seus filhos que regressaram vivos da Guerra da Tríplice Aliança, destacou-se, especialmente, o marechal **Manuel Deodoro da Fonseca**, proclamador da República, chefe do Governo Provisório e primeiro presidente constitucional da República dos Estados Unidos do Brasil.

Destacou-se, também, de forma singular, o eminente médico militar, general de Brigada **João Severiano da Fonseca**, escolhido, em 1962, para ser o patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

Seu neto, o marechal **Hermes Rodrigues da Fonseca**, foi o 8º presidente da República, exercendo seu mandato entre 1910 e 1914.

D. Rosa da Fonseca foi sepultada no cemitério São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, cidade em que residia no fim da vida, mais precisamente à Rua da Ajuda, em consequência de pneumonia, em 11 de julho de 1873, aos 71 anos de idade.

Deixou duas filhas e cinco filhos e a certeza de ter sido a protagonista de uma história criada sob a marca do civismo e patriotismo de uma mãe dedicada à Pátria.

D. Rosa da Fonseca deu nome à antiga Praça do Livramento, Centro de Macaíó, por força da Lei nº 53, de 2 de março de 1899, votada na época do intendente da Capital Demócrito Gracindo. Lá foi erigi-

do um monumento onde existe um busto do seu perfil, esculpido em São Paulo, pelo artista italiano Angioli. O busto de D. Rosa praticamente não teve custo, uma vez que foi feito com sobra de material da estátua de marechal Deodoro. Tal fato curioso deu motivo ao artigo de Humberto Vilela, de título: *A mãe que nasceu do filho*.

Mais tarde, em respeito à estoica senhora, a estátua de D. Rosa foi trasladada do local onde se encontrava, por estar situada praticamente dentro do “Bar do Chopp”, para a casa onde residiu, na Rua dos Mortos, em Marechal Deodoro, onde existe um pequeno museu velando pela



Figura 3 – Escultura do busto de D. Rosa da Fonseca no Arsenal de Guerra do Rio

Fonte: www.eb.mil.br

lembrança positiva dos familiares desses fazedores de um Brasil grande e íntegro.

Conclusão

Ao instituir o dia 18 de setembro, data natalícia de dona **Rosa da Fonseca**, a “Matriarca Exemplar”, “Mãe dos Sete Macabeus”, como o Dia da Família Militar, o Exército Brasileiro demonstra grande respeito à família, na figura de Rosa da Fon-

seca, reconhecendo a importância do espírito de sacrifício e de luta, e do imenso sofrimento representado pelas perdas dos filhos para suas mães, e dos cidadãos para seu país.

É com base nesse sentimento que os integrantes das Forças Armadas buscam alento para suportar os martírios em nome do país e também se esforçam para alcançar o sucesso pessoal e profissional, com a certeza de dever cumprido, seja qual for a missão. **REB**

Referências

ROSA da Fonseca. Texto em destaque no site do DECEX. 2016. Disponível em <www.decex.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias/139-patrona-da-familia-militar>. Acesso em 13/10/2016.

A HISTÓRIA de Rosa da Fonseca, patrona da família militar. 2016. Vídeo produzido pelo CMNE . Disponível em <www.youtube.com/watch?v=CTUCMIOFRLQ>. Acesso em 13/10/2016.

Revista Militar Brasileira, volume especial, maio de 1955.

SILVA, Alberto Martins da. **General João Severiano da Fonseca.** Brasília: Editora EGGCF, 1ª edição, 2007.

SILVA, Alberto Martins da, **Rosa da Fonseca e seu Filhos.** 1ª edição. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2013.

ROCHA, José Maria Tenório. **Manoel Mendes da Fonseca.** *Memórias Legislativas.* 15 de março de 1998. Disponível em <www.historiadealagoas.com.br/manoel-mendes-da-fonseca.html> Acesso em: 18/10/2016.

ROSA da Fonseca. Disponível em <www.wikialagoas.al.org.br/index.php?title=Rosa_da_Fonseca&oldid=93445#Vencendo_Barreiras>. Acesso em 15/10/ 2016.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.